

ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

1º Ten Psi PMERJ MARCOS VINICIUS BRANDÃO DA COSTA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DA EQUITAÇÃO À LUZ DA PSICANÁLISE**

Rio de Janeiro

2018

ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

1º Ten Psi PMERJ MARCOS VINÍCIUS BRANDÃO DA COSTA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA EQUITAÇÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Equitação do Exército, como parte dos requisitos para a obtenção de grau de Especialização em Equitação, pós-graduação universitária *latu sensu*.

Orientador: Maj Cav Claudio Adão de Jesus Meira

Rio de Janeiro

2018

1º Ten Psi PMERJ MARCOS VINICIUS BRANDÃO DA COSTA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DA EQUITAÇÃO À LUZ DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Equitação do
Exército, como parte dos requisitos para
a obtenção de grau de Especialização
em Equitação, pós-graduação
universitária *latu sensu*.

Orientador: Maj Cav Claudio Adão de
Jesus Meira

Comissão de Avaliação

CLAUDIO ADÃO DE JESUS MEIRA – Maj Cav
Presidente

DANIELA CRISTINA MATOSO E SILVA – 1º Ten OVT
1º membro

VANESSA COSTA – 1º Ten OVT
2º membro

RESUMO

Pretendemos neste trabalho traçar um paralelo entre o dispositivo de ensino aprendizagem da equitação e alguns conceitos da psicanálise de Freud. O desejo de escrever sobre tal tema surgiu da percepção de que o natural é falar sobre os atributos da área afetiva quando o assunto é equitação. Diversos autores em equitação usam conceitos da psicologia e citam trabalhos de psicólogos. Psicanálise não é exatamente psicologia. Poderíamos dizer que se trataria de uma linha ou disciplina da psicologia. As psicologias são muitas. Variadas linhas, técnicas e abordagens. A psicanálise seria uma delas. Apresentaremos considerações sobre atributos da área afetiva já apresentados intrínsecos a algumas atividades equestres como na equitação terapêutica e na desportiva. Considerando uma capacidade inata da atividade equestre em provocar a cognição ou psiquismo de forma única e específica, traçaremos considerações sobre o dispositivo de ensino-aprendizagem de equitação e a dialética consciente/inconsciente proposta por Freud. Não pretendemos reduzir os processos mentais e cognitivos convocados pela prática equestre aos descritos por Freud na teoria psicanalítica. Mas sim tentar contribuir com mais um olhar. Com mais uma ferramenta para pensar a potencialidade do instrutor de equitação.

Palavras-chave: Psicanálise. Inconsciente. Equitação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. RELAÇÃO CAVALO\CAVALEIRO.....	7
3. ASPECTOS PSÍQUICOS E EMOCIONAIS NAS ATIVIDADES EQUESTRES.....	9
3.1. EQUOTERAPIA.....	9
3.2. SALTO EM HIPISMO CLÁSSICO OU CROSS COUNTRY.....	10
3.3. ADESTRAMENTO OU DRESSAGE.....	11
4. PROCESSOS PSÍQUICOS EM FREUD E ENSINO-APRENDIZAGEM DA EQUITAÇÃO.....	13
4.1 OPERACIONALIDADE PSÍQUICA EM FREUD.....	13
4.2 CONSCIENTE, INCONSCIENTE E EQUITAÇÃO.....	17
5. CONCLUSÃO.....	20
6. REFERÊNCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma reflexão, a partir de pesquisa bibliográfica, sobre importância das implicações do instrutor no contexto dinâmico e concreto do processo de ensino-aprendizagem da equitação. A fim de promover tal reflexão e as potencialidades do instrutor - para além da transmissão de técnicas-, apresentaremos, através de uma revisão de literatura, os aspectos emocionais e psíquicos acionados na relação cavaleiro-cavalo e estudos sobre atividades equestres que enfatizam a relevância destes.

Assim, no segundo capítulo, apresentaremos algumas particularidades físicas e comportamentais do cavalo e como estas se relacionam com os aspectos psíquicos e emocionais do cavaleiro e como poderiam influenciar os resultados do processo pedagógico em questão.

No terceiro capítulo mostraremos as contribuições das atividades equestres, equitação terapêutica e disciplinas da equitação, destacando a exigência emocional e psíquica de cada uma delas.

No quarto capítulo apresentaremos uma simples cartografia do método analítico desenvolvido por Freud com o objetivo de traçar paralelos entre os aspectos psíquicos e emocionais envolvidos na relação cavalo-cavaleiro, a importância destes nas atividades equestres e a influência da implicação do instrutor no processo educacional da equitação.

2- RELAÇÃO CAVALO-CAVALEIRO

Assim como outros animais, o cavalo teve seu processo evolutivo ligado à necessidade de adaptação para sobrevivência em seu meio. Seus caracteres físicos e padrões comportamentais o definem historicamente como animal presa.

Os cavalos são herbívoros e seus tradicionais predadores são os carnívoros de grande porte de diferentes espécies. Portanto, seus órgãos dos sentidos especializaram-se na detecção de sinais de proximidade do inimigo e seu aparelho locomotor adquiriu excepcional mecânica para desenvolvimento de velocidade, tipificando-o como animal fugidio.

Assim, preferindo a fuga ao confronto com o inimigo, os equinos têm, na visão, no olfato e na audição, seus principais, rápidos e eficientes meios de percepção do perigo, responsáveis pelo acionamento de seus mecanismos de defesa (morder, manotear ou coicear e/ou fugir). Com isso, podemos considerar que os cavalos se tornaram especialistas em avaliar ou julgar as emoções\intenções daqueles que se aproximam.

“Para lidar com alterações físicas ou ambientais que podem ameaçar a homeostasia, os organismos têm habilidade de promover respostas moleculares e comportamentais rápidas,...” (ALMEIDA, 2003, p. 25). Por exemplo, quando estamos submetidos a situações estressoras podemos ter o nosso ritmo cardiorrespiratório alterado, bem como o aumento da sudorese. O cavalo, ao perceber tais alterações, se prepara para uma possível ameaça. Outro exemplo diz respeito à quando nos prepararmos para determinada manobra a cavalo, como saltar um obstáculo, e sentimos medo. O animal reproduzirá essa sensação por mais que já tenha anteriormente realizado tal movimento sem nenhuma mudança significativa no seu humor. Animais fugidios são sensíveis ao cheiro de adrenalina. Podemos assim considerar que o cavalo funcionaria durante um treinamento como um espelho de nosso estado de humor. O que pretendemos destacar é o fato de nossos sentimentos determinarem substancialmente as respostas dos cavalos.

A compreensão do funcionamento desses sistemas é fundamental para o alcance de bons resultados nas competições de hipismo visto que o cavalo está

o tempo do “escaneando” seu cavaleiro – não, a princípio, por temê-lo¹ – por questões instintuais.

¹ É importante enfatizar que o cavalo pode sim temer o cavaleiro e reagir a isso, mas o que chamamos aqui de “escaneamento” diz respeito a uma função primariamente instintiva do animal.

3- OS ASPECTOS PSÍQUICOS E EMOCIONAIS NAS ATIVIDADES EQUESTRES

Pretendemos nesse capítulo citar algumas atividades equestres ressaltando o quanto cada uma está envolvida ou convoca aspectos não apenas físicos, mas também psíquicos. Sendo este último aspecto o que mais nos interessa no presente trabalho.

3.1) Equoterapia:

Acompanharemos Escobar (2011) no processo de construção da história da equoterapia. Registros sobre os benefícios da Equitação existem desde a Idade Média, estes deixados pelos árabes no início do século XIV. “Já na Idade Moderna, por volta de 1569, Merkurialis cita Galeno (130-199 d.C.), quando ressalta o estímulo causado pela equitação em relação ao corpo e aos sentidos” (LEITÃO, 2008, apud ESCOBAR, 2011, p.19).

Fitzpatrick e Tebay (1998) destacam também a ascensão do interesse de profissionais em conhecer cientificamente essa prática. Médicos, fisioterapeutas, psicólogos, educadores, entre outros, estão progredindo em comprovações científicas voltadas não apenas para a reabilitação física que essa prática proporciona, mas também para que ela integre aspectos psíquicos e emocionais, domínios dos campos da psicologia e da psicopatologia. (ESCOBAR, 2011, p.20)

Desde o início da humanidade houve interesse de cientistas pelo estudo do cavalo. Nesta época esses animais serviam ainda como meio de transporte, auxílio no trabalho (força e agilidade) e como lazer. Além disso, a relação com o animal possibilitava bem-estar físico e mental ao homem. Desde então, questionamentos começam a surgir e passam a serem realizados estudo que tinham como objetivo decifrar o mecanismo terapêutico do processo de uso do cavalo como facilitador do desenvolvimento humano, o que levou ao método terapêutico, Equoterapia ou Equitação Terapêutica.

A autora ainda nos lembra que o médico John Pringle, pai da medicina militar, observou uma maior hígidez dos militares que formavam a cavalaria. Estes eram menos propensos a epidemias em relação aos infantés. O médico constatou com isso, que haveria uma maior preservação da saúde em função do exercício de atividades equestre.

Mais atualmente, a classe médica começou a se interessar pela prática da atividade equestre como terapêutica após o caso Liz Hartel. A atleta mesmo

acometida por poliomielite realizou autoterapia por meio da equitação e se classificou em segundo lugar em adestramento nas Olimpíadas de 1952 e 1956.

O primeiro trabalho científico sobre Equoterapia surgiu em 1969, na Universidade de Salpentière – Paris – França. A primeira tese de doutorado em medicina, sobre reeducação equestre, desta vez na Universidade de Paris, foi defendida pela Dra. Collete Picart Trintelin no ano de 1972. (ESCOBAR, 2011)

Alguns autores, mais recentemente, reafirmam a relação entre as atividades equestres com aspectos psíquicos e emocionais.

Cirillo (1999 apud ESCOBAR, 2011) afirma que a técnica proporciona o desenvolvimento de potencialidades em seu praticante. Visando a uma melhor integração à sociedade e respeitando as limitações de cada indivíduo, essa técnica traz benefícios físicos, psicológicos, educativos e sociais.

Para Escobar (2011) autores como Gavarine (1995 apud FREIRE, 1999) e SILVEIRA; FRAZÃO (1998) concordam quanto aos ganhos da Equoterapia na socialização do praticante. Isso acontece porque essa prática proporciona melhoras na concentração; processamento de pensamentos e sentimentos; habilidade de articular e controlar emoções; desenvolvimento da confiança; e reforço de comportamentos adequados. Além disso, o contato com o animal, com outros membros da equipe de atendimento e com outros praticantes, cada qual com suas particularidades, segundo os autores, foi possível perceber uma integração, de forma natural, à sociedade a qual o praticante pertence.

Percebemos nas citações destes diversos autores que a equoterapia surgiu da percepção daqueles que praticavam equitação e, a partir delas, buscou-se dar um caráter científico, descrevendo o seu processo, aos fenômenos que até então estavam somente no campo da percepção e da intuição. Desde muito que se percebe que a atividade equestre transforma não só o corpo, mas também as emoções e o psiquismo.

3.2) Salto em Hipismo Clássico ou Cross Country

Na modalidade de salto o objetivo é completar um percurso composto de obstáculos com o maior controle possível do cavalo. Assim, o cavaleiro deve ter domínio sobre a velocidade, equilíbrio, tamanho das passadas, curvas etc.

As situações que ocorrem durante a realização de um percurso podem ser relacionadas a determinadas operações cognitivas que estimulariam

determinadas operações psíquicas ou, segundo Camilo (2017), reforçariam atributos da área afetiva, tais como:

- Capacidade de adaptação (adaptar-se as reações do cavalo, improvisar frente algo que não saiu como planejado, bem como reformular sua estratégia de percurso frente a algo que não saiu como planejado); (CAMILO, 2017)
- Coragem e confiança (para a realização de um bom percurso faz-se necessário que o cavaleiro esteja convicto e seguro tanto para transmitir os pedidos ao cavalo de forma mais clara e incisiva quanto manter também o concentração do animal);(CAMILO, 2017)
- Equilíbrio emocional: o cavaleiro deve estar concentrado na execução da manobra mantendo seu estado de humor para que possa tomar decisões rápidas e precisas.

3.3) Adestramento ou Dressage

É a pratica que busca o aperfeiçoamento do equilíbrio do conjunto, submissão do cavalo, beleza e precisão nos movimentos. É sobretudo treinar o cavaleiro a sinalizar o cavalo corretamente, através de movimentos sutis nas rédeas e de mudanças na posição do cavaleiro. A Dressage implica então um profundo entendimento entre cavalo e cavaleiro. Para tal se demanda:

- Persistência e disciplina: a pratica do adestramento constitui um processo de ensinamento do cavalo e do cavaleiro. É o encontro de duas subjetividades. Portanto requer tempo. Contentar-se com pouco e ter paciência é muito importante. Treinos regulares dentro da metodologia são fundamentais. (CAMILO, 2017)
- Empatia e sensibilidade: dentre as modalidades equestres podemos dizer que o adestramento é a que exige a maior sofisticação na linguagem entre cavalo e cavaleiro. Exige do cavaleiro uma disponibilidade interna para construir um relacionamento de muita intimidade com o animal. O cavaleiro desta modalidade

deve estar atento as mínimas sutilezas dos sinais emitidos pelo cavalo para a excelência do trabalho.

Quando destacamos os atributos necessários aos praticantes de salto e adestramento não pretendemos esgotar conceitos ou explicar a totalidade de fenômenos. Logicamente entendemos que são infinitos atributos da área afetiva que estão em jogo. A complexidade dos processos psíquicos não nos permitiria fazer explicações totais. A intenção em enumerar alguns exemplos foi de destacar que no aprendizado da equitação existem outros processos que vão além do entendimento técnico.

Dificuldades no aperfeiçoamento da equitação por parte dos praticantes podem ser de diversos vieses. A adaptação física demanda tempo e repetição. Se equilibrar a cavalo requer tempo de sela. A comunicação entre cavalo e cavaleiro é um processo que se dá via uma construção, quer dizer, quanto mais tempo maior a sofisticação da linguagem. Existem dificuldades em equitação que poderíamos dizer serem genéricas, ou seja, inerentes a todos que se propõem a desenvolver sua equitação.

No entanto, mesmo o instrutor mais novato percebe que algumas dificuldades são oriundas da particularidade dos atributos afetivos e atitudinais dos praticantes. Não é raro o aluno se desconcentrar por medo ou ansiedade. Nesse momento vai aparecendo o modo como cada aluno lida com seus sentimentos e faz-se de suma importância o modo como o instrutor conduzirá esse processo. Não queremos dizer que o instrutor de equitação deva se comportar como um psicólogo neste momento, mas sim desenvolver seu método de lidar com a dificuldade de seus alunos um a um. Sabemos que instrutores podem facilmente acuar um aluno ou fazê-lo perder o prazer da prática equestre, bem como ser um importante personagem em grandes alegrias e transformação de seus instruídos.

4- Processos psíquicos em Freud e ensino-aprendizagem da equitação.

4.1) Operacionalidade psíquica em Freud.

Trataremos neste capítulo, com base em Laplanche; Pontalis (2004), como se deu a concepção freudiana do aparelho psíquico. A construção desse processo se dá em dois momentos complementares, a primeira e a segunda tópicos freudianas.

Na teoria freudiana, a mente humana está estruturada em duas partes principais: a mente consciente e inconsciente. A mente consciente inclui todas as coisas que estão conscientes ou podem facilmente levar à consciência. A mente inconsciente, por outro lado, inclui todas as coisas de fora da nossa consciência – todos os desejos, esperanças e memórias que se encontram fora da consciência e que ainda continuam a influenciar o comportamento. Freud comparou a mente para um iceberg. A ponta do iceberg que é realmente visível acima da água representa apenas uma pequena porção da mente (consciência), enquanto a enorme extensão de gelo escondido debaixo da água representa o inconsciente, muito maior.

Além desses dois componentes principais da mente, a teoria freudiana também divide a personalidade do ser humano em três componentes principais: o id, ego e superego. O ID segundo Freud é a parte mais primitiva de personalidade que é a fonte de todos os nossos impulsos mais básicos. Esta parte da personalidade é totalmente inconsciente e serve como fonte de toda a energia libidinal. O ego na teoria de Freud é o componente da personalidade que é acusado de lidar com a realidade e ajuda a garantir que as exigências do id sejam satisfeitas de maneira que se apresentem realistas, seguras e socialmente aceitáveis. O superego na teoria freudiana é a parte da personalidade que mantém todas as normas morais internalizadas e padrões que adquirimos de nossos pais, família e sociedade em geral.

Freud introduziu a ideia de que o aparelho mental é composto de diferentes áreas da mente, diferentes “territórios” regidos por diferentes processos.

Na primeira abordagem topográfica de Freud, três regiões mentais foram distinguidas: consciência, pré consciência e inconsciente.

O consciente, o local de ideias que tiveram acesso direto à consciência; na psicanálise, corresponde à definição de pré-consciente a localização do material suscetível de se tornar consciente facilmente; na primeira tópica freudiana podemos definir o inconsciente como a localização de tudo o que havia sido reprimido da consciência e se tornou, assim, inacessível a ela.

Esta organização espacial inicial da mente, conhecida como a primeira tópica do aparelho psíquico na teoria psicanalítica (também chamada de “primeira tópica da psicanálise” ou “primeira tópica de Freud”), mais tarde revelou-se inadequada para lidar com o ponto de vista clínico de narcisismo patológico, pois não conseguiu localizar o ego ou a internalização de valores e princípios adquiridos no curso do desenvolvimento do indivíduo.

Começando com Além do Princípio do Prazer (1920g) e especialmente em O Ego e o Id (1923b), Freud propôs uma nova topografia da personalidade e aparelho mental em termos de id, ego e superego. O inconsciente, por si só não poderia mais ser tratado como um único local na psique, pois havia, de fato, vários reinos inconscientes, e de diferentes tipos. A partir de então, o termo inconsciente foi usado apenas como um qualificador aplicável a processos mentais, independentemente da sua localização topográfica. Uma porção do ego e do superego foram, portanto, ditas inconscientes, enquanto que os componentes da ID não podem tornar-se conscientes sem serem transformados em representações, ficando as suas formas originais inconscientes.

O “Iceberg do Aparelho Psíquico” Primeira tópica: Consciente, Pré-consciente, Inconsciente; Segunda tópica: Id, Ego e Superego. A segunda tópica não substitui a primeira tópica, no entanto. Em vez disso, manteve-se em uma relação dialética com ela, complicando assim o modelo como um todo. Alguns psicanalistas franceses consideraram que as duas topografias não são meramente construções metapsicológicas, mas também correspondem a modos organizacionais específicos da psique. Diferentes

maneiras de funcionamento mental poderiam, assim, ser descritas em termos da primeira ou segunda tópica do aparelho psíquico.

Considerando que há um processo de formação de nossas estruturas psíquicas, quer dizer, que o modo como operamos mentalmente, o modo como nos comportamos e representamos situações de nossas vidas é construído, podemos afirmar que se trata de um processo adaptativo.

Freud descreveu nossas operações psíquicas como sendo um jogo dialético entre consciência (símbolos e linguagem) e inconsciente (energias \ pulsões). A determinação daquilo que seria deslocado para inconsciência passaria por um processo de economia energética. Como se não fosse estratégico sentir-se de determinada forma naquele momento.

Nosso lado instintual por exemplo, segundo Freud, deve manter-se recalcado (inconsciente) para possibilitar a organização social. Em outras palavras, se não recalcássemos nossos instintos mais primitivos a organização social não seria possível.

Energias (sensações, memórias, desejos, ideias...) podem adquirir uma operacionalidade consciente ou inconsciente. Isso é determinado por um princípio de economia psíquica, ou seja, nosso psiquismo não dá conta de perceber e racionalizar em nível consciente todos os estímulos e atravessamentos do cotidiano. Qualquer afeto ou sensação que nos é acometido demanda um trabalho elaborativo que representa um gasto energético para ser percebido pela consciência. Pelo princípio de economia psíquica agimos no sentido de poupar nosso psique de gastos energéticos e com isso entra em ação um tipo de crivo que coloca e mantém determinadas energias inconscientes.

No entanto, Freud nos sugere o “retorno do recalcado” que seria a operação daquilo que é inconsciente na consciência. Dizer que algo inconsciente não influencia a consciência o tempo todo é um engano. A energia recalcada (presa em uma operação inconsciente) não opera na consciência de forma clara. Ela retorna travestida, ou seja, retorna em forma de “sintoma”.

Poderíamos dizer que sintomas se expressariam, dentre diversas formas, em uma dificuldade em transformar o modo como se percebe ou sente situações da vida cotidiana, bem como transformar a forma como nos comportamos frente a elas.

De acordo com a teoria freudiana, sintomas seriam desfeitos ou cessariam seus efeitos através de um processo que conceituou como “elaboração psíquica”.

Expressão utilizada por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas. (LAPLANCHE;PONTALIS, 2004, p.143)

No entanto, Freud descreveu também outro conceito que chamou de “resistência psíquica”. O autor percebeu em suas pesquisas clínicas que o processo de trazer a consciência aquilo que opera inconscientemente não era tarefa simples. Se deu conta que havia uma força contrária a conscientização de algumas energias. “Chama-se resistência a tudo que nos atos e palavras do analisando, durante o tratamento psicanalítico, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente.” (LAPLANCHE;PONTALIS, 2004, p.458)

A determinação daquilo que seria enviado para inconsciência não seria aleatório, mas sim atenderia a um processo adaptativo, ou seja, haveriam resistências a sua mudança de estado (tornar-se consciente).

Os conceitos de recalque (envio de energias para operações inconscientes) e resistência (força que mantém energias na inconsciência) foram fundamentais para o desenvolvimento do método psicanalítico pois determinaram, aos analistas, recomendações no sentido de não confrontar resistências pela insistência e força, bem como respeitar o tempo de elaboração de cada paciente. Ao analista exige-se sensibilidade, paciência e controle sobre suas emoções e desejos visto que esses últimos podem reforçar e muito as resistências inviabilizando o processo de elaboração dos analisandos.

4.2) Consciente, inconsciente e equitação.

No desenvolvimento de nossas aptidões equestres, nos encontramos com muitos de nossos traços de personalidade. Medos, ansiedades, inseguranças, raiva, desapontamento, alegrias aparecem durante o aprimoramento de técnicas equestres. O trabalho a cavalo exige ainda a construção de um relacionamento entre as partes homem\cavalo. O estabelecimento de linguagem e afeto entre as partes se faz necessário. Consideraremos a hipótese que as dificuldades durante esse processo, dentre outras coisas, remetem à traços de personalidade daqueles que montam os animais. Excesso de força, medo, insegurança, falta de empatia em relação ao cavalo, perda de concentração seriam exemplos de entraves durante o aprendizado da equitação.

Não pretendemos afirmar que todos os processos mentais convocados em dispositivo de instrução de equitação passariam fundamentalmente pela dialética consciente-inconsciente demandando o tempo de elaboração para sua superação em caso de estar promovendo dificuldade no processo de desenvolvimento \ aprendizagem da equitação. Um medo, por exemplo, pode ser apenas um medo. No entanto, pode sim resultar de um retorno de energia inconsciente. No entanto, não pretendemos propor que o instrutor aborde a situação com a finalidade terapêutica da psicanálise, mas sim que entenda a necessidade de repetição (encontros sucessivos com a energia que causa o desconforto) para posterior elaboração que, no caso, seria a construção de outro modo de operar frente ao desafio\problema e sensação\atitude.

Freud ao apresentar a dialética consciente-inconsciente nos trouxe o conceito de resistência psíquica e a orientação aos analistas no sentido de não irem de encontro direto a este último conceito. Em outras palavras, Freud recomendou máxima atenção a respeito na intensidade do trabalho terapêutico. Cada indivíduo, com seus sintomas e resistências, apresentaria um tempo específico de mudanças internas. E caso o terapeuta tentasse acelerar esse processo se perderia mais tempo ainda pois ativaria os mecanismos da resistência psíquica. Para Freud a mudança viria da repetição, que no caso dos instruendos em equitação, se expressaria pelo encontro e reencontro com suas dificuldades e afetos.

Quando citamos o conceito de resistência psíquica de Freud, consideramos a hipótese que todo instrutor de equitação lida com as resistências de seus instruídos e desenvolve, intuitivamente, mecanismos para ir diluindo tais forças contrárias à mudança ou desenvolvimento de determinado atributo da área afetiva. Uma medida, assim como na terapêutica psicanalítica, muito delicada. Quer dizer, exige-se um trabalho que funcionaria no limite do reforço das resistências. seria

Tendo por base esses conceitos psicanalíticos poderíamos dizer aos instrutores de equitação que não existiriam palavras que pudessem ser ditas para mudar o aluno de imediato. Mais importante seria o acolhimento das dificuldades, a legitimação da naturalidade delas e fundamentalmente o convite para continuar tentando.

Tentar novamente é repetir. E para Freud, repetir é elaborar. Ou seja, é se transformar. Com base nesta última afirmação, podemos sugerir aos instrutores de equitação que tão importante quanto seus conhecimentos técnicos seriam suas capacidades de motivar o aluno a continuar tentando. Palavras seriam menos importantes que a legitimação das dificuldades inerentes ao desenvolvimento da equitação.

Certa vez um amigo, praticante de hipismo, me pediu ajuda, como psicólogo, para que conseguisse diminuir ou controlar sua ansiedade nos minutos precedentes a competições. Considerei que o melhor a dizer é que ele já estava fazendo o melhor para conseguir cessar tal desconforto. Já tinha localizado o afeto (já estava operando conscientemente), no caso a ansiedade, e percebido o quanto ele se repete. Portanto, se lançar nessas repetições seria o caminho da transformação visto que a sensação ou dificuldade já havia sido percebida/localizada.

Para aquele que pretende transmitir equitação se faz importante perceber que não se trata somente de ensinar ao outro uma técnica que está pronta para ser entendida. Equitação não passa simplesmente pelo entendimento técnico. Mas sim por uma adaptação física e mental.

Percebemos na teoria freudiana que mudanças ou novas capacidades para administrar nossos traços de personalidade dependem de processos de elaboração, o que requer tempo. Para alguns mais tempo, enquanto para outros menos.

Além disso, de acordo com Freud ainda temos que lidar com uma força que age no sentido da não mudança e na manutenção do modo operativo já existente (resistência psíquica).

5. Conclusão

Ensinar equitação é se encontrar com os afetos do aluno, suas resistências e com seu modo de se colocar no mundo. Poderíamos dizer que o trabalho a cavalo, pelo fato de convocar tantas expressões de nossa personalidade, seria uma simulação de variadas situações de nossas vidas.

Não se pretende com este trabalho transformar instrutores de equitação em psicólogos ou psicanalistas. Desta forma, o objetivo é reforçar ou mesmo legitimar algo que já percebemos nos instrutores de equitação mais experientes. Com o passar do tempo o instrutor vai desenvolvendo a sensibilidade para perceber o ritmo de cada aluno e o quanto deve exigir deste, assim como o momento de parar o processo ou mesmo de adiá-lo. O mais importante seria motivar o aluno a persistir. Tentar novamente seria a oportunidade de se repetir ou de se reencontrar com os afetos em jogo, o que, para a teoria psicanalítica, representaria o caminho para elaboração psíquica e posterior administração dos efeitos de determinado traço ou afeto, desde que não se reforce resistências psíquicas.

Mas como não reforçar resistências? Para a terapêutica psicanalítica existem métodos descritos por diversos autores. Para instrutores de equitação poderíamos dizer que bastaria estar atento as respostas dos alunos às exigências do instrutor. Quer dizer, encontrar a medida ou intensidade com a qual determinado aluno teria um melhor rendimento durante as instruções.

Nunca devemos esquecer, enquanto instrutores, que lidamos com o ser global. Ensinar alguém a trabalhar com cavalos é promover uma mudança substancial nesta pessoa.

Em suma, recomendamos e desejamos que os instrutores de equitação jamais percam a sensibilidade, a empatia e principalmente o olhar construtivista para a transmissão desta disciplina. Construtivista porque a continuidade do processo de desenvolvimento à cavalo é determinada cotidianamente. As respostas dos alunos deveriam ditar o modo e cadência das instruções com o instrutor servindo como uma espécie de provocador da persistência, do continuar tentando. Além disso, cabe ressaltar que dependendo do nível de exigência pode-se ativar mecanismos de resistência que trabalhariam na não mudança de

estado, potencializando o efeito do afeto indesejado para o desenvolvimento da prática da equitação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O.M.M.S. A resposta neuropsicológica ao stress. In: LIPP, M.E.N. *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 227p.

CAMILO, M. S. *Emprego do cavalo como ferramenta para o desenvolvimento de conteúdos atitudinais*. 2017. 40f. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Equitação - Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), Rio de Janeiro, 2017.

ESCOBAR, C.S. *As influências da equitação terapêutica no desenvolvimento de crianças e adolescentes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*. 2011. 244f. Dissertação (Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552p.